

**As aparências enganam.
(Atos 8.9-25).**

Deus não vê a aparência, vê o coração. Há pessoas que por fora parecem tão boas e religiosas, mas em seu coração não agradam a Deus e estão distantes dele. Este era o caso de Simão, o mágico. Sua história serve de alerta – pois, é possível alguém chegar muito próximo da salvação – e ainda permanecer perdido. O expositor bíblico **Warren Wiersbie afirma: “Simão ouviu o evangelho, viu os milagres, professou sua fé em Cristo e foi batizado, no entanto, nunca chegou a nascer de novo”**. Lucas começa o capítulo nos falando acerca da perseguição levantada contra a igreja em Jerusalém – e o que ocorre em decorrência desta perseguição é a dispersão dos cristãos pelas regiões da Judéia e Samaria (Atos 8.1). Quem entra em cena aqui é Saulo – que além de mandar apedrear Estevão, assola a igreja perseguindo os cristãos e colocando-os em prisão.

O evangelista Felipe chega a Samaria anunciando não um postulado filosófico – ou uma ideologia política. Ele anuncia a plenos pulmões – a Cristo com autoridade e poder – de forma que – os cativos de espírito imundos eram libertos e os doentes eram curados (Atos 8.5-7). É fato – a combinação de salvação e cura trouxe alegria a cidade (Atos 8.8). O que ocorreu em Samaria não foi algo simples – foi algo extraordinário. O expositor bíblico **John Stott diz: “Antes de Filipe chegar à cidade, ela se encontrava sob uma influência muito diferente. Certo homem, chamado Simão... praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria”**. A narrativa deste personagem ensina-nos lições preciosas. Vamos elencar alguns pontos para a nossa reflexão.

Em primeiro lugar, **a falsa conversão é uma estratégia do inimigo para minar a igreja** (Atos 8.13). As pessoas ouviam o que Felipe dizia em nome de Deus – pois, ele usado pelo Espírito Santo e falava com autoridade. Entre as pessoas que ouviram e viram os milagres feitos através de Felipe – estava Simão – que aparentemente abraçou a fé, foi batizado e acompanhava Felipe de perto. Qualquer um de nós observando este quadro diríamos: esse homem de fato é um convertido a Cristo.

Como igreja de Cristo – precisamos estar alertas e entender que em tempos de despertamento, onde quer que Deus semeia a verdadeira semente, o diabo semeia o seu joio. Simão – era o joio que o diabo colocou no meio dos santos. Com **precisão Warren Wiersbie diz: “O inimigo ataca como um leão devorador e, quando essa abordagem não funciona, infiltra-se como uma serpente para enganar. O instrumento de Satanás, nesse caso, foi um mágico chamado Simão”**.

Em segundo lugar, **Simão era um personagem – não um convertido** (Atos 8.9). Simão, o mágico, fora capaz de provocar êxtase no povo – através de sua performance. Ele de fato era um personagem e gabava-se de ser alguém grande. Ele se aproxima de Felipe porque ficou extasiado com o fato dele ser usado por Deus poderosamente. Tanto é que ele tenta comprar o dom de Deus – para ter mais visibilidade. De igual forma – no contexto religioso – existem um quantitativo de pessoas considerável que vivem um personagem – por não seguir a verdade de Cristo. São pessoas que vivem uma duplicidade espiritual e uma religiosidade de fachada. Simão queria a popularidade – não a conversão genuína em Deus – por meio de Cristo. **Hernandes Dias Lopes diz: “Simão era um Showman, mas não um cristão verdadeiro. Amava os holofotes, mas não a verdade”**.

Em terceiro lugar, **Simão vê as coisas de Deus como um negócio** (Atos 8.17-18). Lucas registra que os samaritanos ainda não tinham tido a experiência da descida do Espírito Santo sobre eles. Pedro e João – Impõe as mãos sobre os crentes samaritanos e, eles recebem o Espírito Santo. Aqui a perversidade do coração de Simão é revelada. Ao ver o que Deus fazia através dos apóstolos, decide comprar o poder de Deus, vendo o ministério como um negócio. É com tristeza que temos visto de forma desavergonhada a comercialização do Sagrado. O evangelho tornou-se um produto, o púlpito um balcão, o templo numa praça de negócios e os crentes em consumidores – diz o reverendo Hernandes Dias Lopes. A vocação ministerial não é profissionalismo – é um chamado. **John Piper**, em seu livro *Irmãos, não somos profissionais*, afirma: **“Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério**

pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejamos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro". Termino dizendo: cuidado! As aparências enganam.

**Fraternalmente em Cristo
Pr. José Manuel Monteiro Jr.**